



O PEDAGOGO EM UM AMBIENTE BRANCO E SILENCIOSO

GLEISY KELLY MOREIRA LIMA; IVANETE MARIA BARROSO MOREIRA

RESUMO

Este trabalho apresenta uma abordagem sobre a atuação do pedagogo em ambiente não escolar, com foco de atuação em classes hospitalares. O objetivo deste estudo foi investigar o trabalho do profissional pedagogo em atividade no ambiente de aprendizagem não escolar da classe hospitalar. Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo exploratória descritiva com abordagem qualitativa, com três profissionais pedagogos de classes hospitalares existentes em hospitais do município de Belém/Pa, utilizando como instrumentos de coleta de dados a observação com registros em diário de bordo e entrevista semiestruturada. Alguns resultados encontrados demonstram: primeiramente que as classes hospitalares apresentam uma diversidade de condições/situações que são determinantes para o direcionamento, planejamento do trabalho do pedagogo como o tipo de enfermidade, tempo de internação, mobilidade da criança enferma, ao/série que ela se encontra e o conteúdo escolar a ser trabalhado; também interferem situações como a necessidade de um trabalho psicológico profissional específica; os tipos de práticas pedagógicas que serão utilizadas; e o ambiente hospitalar onde a criança se encontra, pois cada ambiente hospitalar apresenta sua própria peculiaridade que pode provocar reações adversas nos profissionais pedagogos. A partir dos resultados encontrados, consideramos que: os cursos de formação inicial do pedagogo não o prepara para trabalhar em classes hospitalares; existe uma carência de profissionais que aceitam trabalhar nessas classes; existe um currículo diferenciado para essa modalidade de ensino, que de certa forma prioriza a ludicidade como prática de ensino; que um dos desafios do pedagogo está na certeza ou incerteza da mudança do quadro da enfermidade do aluno/paciente; que deve ser considerado um planejamento de trabalho diferenciado para cada paciente/aluno; e que essa modalidade está ancorada na Educação especial.

Palavras-chave: Educação Especial; Classes em Hospitais; Educador da Pedagogia; Ambiente não escolar; Aluno enfermo.

1 INTRODUÇÃO

A educação, como educação formal, de acordo com Silva e Silva (2016), foi compreendida e admitida, como um processo de ensino e aprendizagem, mediado e formalizado por escolas. As novas concepções de formalização educacional, vieram de transformações ocorridas como passar do tempo, atualmente existem inúmeros ambientes de ensino e aprendizagem, e para aqueles que não tinham acesso, ambientes como as zonas rurais e ribeirinhas, as penitenciárias e os hospitais, entre outros.

E para contemplar esses diversificados ambientes de ensino e aprendizagem, foi necessário formar um profissional, nesse caso o pedagogo, para pudesse exercer a função de educador e agregasse outras práticas, que ultrapassam o ambiente escolar formal. Neste sentido, Libâneo (2012, p. 22) afirma o profissional pedagogo “atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligada à organização e aos processos de comunicação e apropriação de saberes e modos de ação”, com o intuito de formar cidadãos críticos socioculturalmente.

A formação do pedagogo proporciona uma atuação em diferentes espaços e contextos, com características variadas e peculiares, entre esses espaços estão o jurídico (Pedagogia Jurídica) e hospitalar (Pedagogia Hospitalar), entre outras áreas que necessitam do profissional pedagogo para desempenhar trabalhos pedagógicos. (MUTTI, 2016)

Assim, o que se conhece como pedagogia hospitalar, pode ser considerada como um ramo da pedagogia que oportuniza aprendizagens em ambiente hospitalar, espaço prioritariamente existente para cuidados da saúde, que se torna, com a atuação do pedagogo, um ambiente de aquisição de saberes, transformando uma realidade social dolorosa em momentos de aprendizado e contentamento.

A pedagogia hospitalar é pouco conhecida, sendo considerada sinônimo de classe hospitalar, sendo a classe hospitalar, para o Ministério da Educação “o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde”, como hospital, clínicas de reabilitação, hemodiálise, etc. (BRASIL, 2002, p.13)

A educação que ocorre em classes hospitalares, traz um novo olhar para o processo de ensino e aprendizagem que se desenvolve em um ambiente diferenciado, necessitando de procedimentos pedagógicos diferenciados, pois o atendimento dos alunos enfermos deve se desenvolver de modo singular, com atenção e práticas pedagógica distintas e individualizadas na maioria das vezes.

Com esse pensamento, formalizamos como objetivo geral desse estudo; investigar o trabalho do profissional pedagogo em atividade no ambiente de aprendizagem não escolar da classe hospitalar. E como objetivos específicos: identificar como se dá a seleção do profissional pedagogo para trabalhar em classes hospitalares; reconhecer as legislações que conceituam e amparam as classes hospitalares; compreender a função do pedagogo e o trabalho realizado nas classes hospitalares.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para realizar este estudo foi utilizado a pesquisa exploratória descritiva, que Prodanov (2013), esclarece ter este tipo de pesquisa o intuito de adquirir informações a respeito de uma temática que se pretende conhecer e dessa forma proporcionar o esboço do trabalho científico pela definição e delineamento, envolvendo o levantamento bibliográfico e como instrumento de coleta de dados as entrevistas, sendo o planejamento deste tipo de pesquisa bastante flexível, além de ter o objetivo de descrever uma determinada população ou fenômeno, buscando dimensões observáveis e não observáveis.

A pesquisa ainda teve uma abordagem qualitativa, pois teve a finalidade de compreender e interpretar os aspectos específicos de uma população ou fenômeno social sob um viés interpretativo das diversas realidades existentes. (MOURA, 2021)

A pesquisa ocorreu no ano de 2022, sendo o primeiro passo, da pesquisa o reconhecimento da existência de classes hospitalares em seis hospitais de Belém, a partir de uma diagnose realizada na Secretaria de Educação Estadual, onde fomos direcionadas para a Coordenadoria de Educação especial (COEES), coordenadoria que administra as classes hospitalares de Belém. Após esse início da pesquisa, pudemos visitar cada hospital e somente

então selecionar os lócus, que se restringiram a três classes hospitalares, em três hospitais diferentes.

Passamos enfim; para as autorizações da pesquisa e as primeiras observações em campo, que se deram com a intenção de reconhecimento das classes, suas clientela, suas ocorrências, e as práticas educativas, fazendo observações espontâneas dos fatos e práticas que se desenrolavam nestes ambientes únicos de ensino e aprendizado.

Após o período de observação, registrado em diário de bordo para futuras interpretações e análises, foi realizado uma entrevista semiestruturada com os três profissionais pedagogos, um de cada classe hospitalar. As informações registradas destas observações trouxeram alguns esclarecimentos, mas também trouxeram dúvidas sobre o objeto de estudo, trabalho do pedagogo em classe hospitalar, que necessitaram ser sanadas, nos levando a outro momento da pesquisa que foram as entrevistas.

Na pesquisa utilizamos entrevistas semiestruturadas, direcionadas a três pedagogos para conhecer a dinâmica das classes hospitalares em relação a organização, planejamento e prática de trabalho para extrair o máximo de informações do local de estudos, o que nos ajudou também a reconhecer que o tempo imerso no lócus teria que ser estendido devido a necessidade de se obter mais dados para pesquisa.

O roteiro de entrevista foi dividido em duas partes, a primeira se referia ao perfil do profissional (nome, idade, formação, tempo de serviço), e a segunda com as questões específicas sobre o trabalho nas classes hospitalares, sobre as dificuldades e possibilidades dentro do ambiente de trabalho nos hospitais. Dessa forma, as questões foram aplicadas aos entrevistados (pedagogos) escolhidos conforme os critérios do estudo, para colher informações sobre os que fazem desse ambiente de aprendizagem não escolar.

Os dados foram reunidos por meio da transcrição das entrevistas semiestruturadas, centrando-se apenas no conteúdo das palavras dos participantes, isto é, evitando aspectos clichês da oralidade, pausas, falsos inícios, vocalizações involuntárias e repetições, para não comprometer o conteúdo verbal da entrevista.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa são provenientes das entrevistas semiestruturadas realizadas com os pedagogos. A entrada em campo, nos ofereceu a oportunidade de adentrar em um novo universo, um universo branco, paredes brancas, roupas brancas, ambientes silenciosos, de certa forma entristecidos, mas cheio de vida nas pessoas que o habitam, no entra e sai dos médicos e enfermeiros, na conversa dos entes familiares, dos enfermos. É sempre um impacto entrar em hospitais, o medo das enfermidades nos deixa cheios de temor, mas entrar e ver crianças lendo, contando histórias, fazendo as vozes dos personagens, foi uma experiência única, uma sensação difícil de explicar. Essa foi a minha primeira experiência nesse ambiente.

Ao adentrar em uma enfermaria com duas crianças com enfermidades de longo prazo, elas ficariam em torno de 3 a 4 meses para tratamento, as duas tinham 4 e 6 anos, o atendimento da pedagoga era para a criança de 6 anos, mas a de quatro estava interagindo também. As responsáveis se mantinham afastadas, apenas observando o que ocorria e iam vez ou outra. A pedagoga estava trabalhando com contação de história, trabalhando a leitura com a criança de 6 anos.

Com muita desenvoltura a pedagoga mostrava palavras e estimulava a criança a ler e continuar a história, a criança mais jovem também participava ajudando a maior colocando novos personagens ou fazendo perguntas que acabavam levando a criança mais velha a criar situações que respondessem as expectativas da mais jovem. Por várias vezes até eu me peguei rindo das interferências e criatividade das duas crianças, mas o que era mais interessante, era o fato de que a criança de 6 anos se esforçava para ler e continuar a história para alegrar a

criança de 4 anos, também a habilidade da pedagoga em escolher palavras de vários níveis, fáceis, medianas e difíceis, para serem lidas pela criança.

Ao conversar com as responsáveis, entendi que a criança de 6 anos tinha evoluído na leitura, por causa da criança de 4 anos, antes disso ela somente chorava e não queria fazer as atividades, mesmo que a pedagoga fizesse atividades diversificadas (uso de fantoches, desenhos, dedoches, músicas, etc.).

As entrevistas com os pedagogos giraram em torno de um perfil inicial, onde confirmamos a formação dos pedagogos, sendo que uma delas também agregava uma segunda formação em Letras, as três tem mais de 10 anos de trabalho, duas trabalhavam em salas de atendimento educacional especializado e acabaram enveredando para as classes hospitalares. As três tem formação continuada em Educação especial e Inclusiva (especialização) e são funcionárias efetivas da secretaria de educação do estado.

Quanto as perguntas específicas, foram formalizadas 5 perguntas. Na primeira foi confirmado de forma unânime pelas pedagogas a necessidade de formação na área da educação especial do profissional para fazer parte do quadro da pedagogia hospitalar, elas ainda acrescentaram que a formação inicial pedagógica não dá suporte para esta função. Nesse sentido Saldanha (2012) comenta que os profissionais que se dispõem a trabalhar nas classes hospitalares devem possuir qualificações adequadas, pois a graduação não oferece suporte teórico e nem prático, necessitando mais aperfeiçoamento na área da educação especializada.

A segunda questão sobre o tempo em média de atendimento, nos hospitais ou domicílio, foi respondida pelas pedagogas que o tempo de trabalho é bem flexível, podendo durar em torno de 1h ou 2h, mas que depende muito de cada situação. Uma delas acrescentou, que já havia ocorrido casos em que ela iniciava o atendimento e tinha que parar por causa de aplicação de medicação, ou a criança estar com febre alta, sonolência, ter uma crise de vômito, convulsões, entre outras situações, mas também teve casos, que as crianças queriam mais atividades, e ela tinha que convencer a criança que a atividade continuaria em outro dia de atendimento.

Matos e Mugiatt (2017), explicam que as classes dentro dos hospitais são ambientes de aprendizagem com condições diferentes, para isso trabalha a ação pedagógica flexível, em busca tornar a realidade hospitalar em um ambiente transformador, assim, flexibilizando as práticas conforme as condições dos alunos enfermos.

A terceira questão foi referente ao planejamento curricular, onde as pedagogas responderam que existe um planejamento diversificado para cada atendimento, utilizando vários tipos de materiais dependendo também do nível de ensino que as crianças estejam, duas delas acrescentaram que normalmente elas tem que manter uma postura calma e controlada, equilíbrio na voz, ter paciência, entre outros cuidados, e principalmente estar psicologicamente preparado, pois, por mais que elas tenham o conhecimento antecipado do tipo de enfermidade de cada criança, as vezes é um impacto a imagem da enfermidade. Também foi relatado que a organização curricular por mais diversificada que seja, é feita em consonância com a escola de origem a criança, mesmo que não tenha avaliação e escolaridade é um trabalho que visa o ensino e a aprendizagem.

Mundim, Borges e Oliveira (2018), a respeito desse planejamento ponderam que as práticas pedagógicas e as metodologias realizadas no hospital são importantes para o desenvolvimento biopsicossocial e o cultural das crianças e o planejamento é de suma importância para isso.

Entendemos que o currículo da classe hospitalar segue as orientações da educação dos espaços escolares, no entanto requer um atendimento pautado na capacidade de aquisição de conhecimentos dos indivíduos, vinculados às suas condições de saúde, emocionais e psicológicas.

A quarta questão foi referente ao quantitativo de profissionais que fazem o atendimento das classes hospitalares, que as pedagogas também foram unânimes em dizer que existe muita

carência de profissionais nessa área, por esse motivo elas atendem várias crianças em um mesmo hospital ou em hospitais diferentes, e também em domicílio, as vezes chegam a passar o dia inteiro indo de um lugar para outro em atendimentos.

Souza (2011, p. 21) afirma que é um grande desafio o trabalho do pedagogo no contexto hospitalar, por causa da diversidade de “situações, sujeitos e condições que o mesmo encontrará neste ambiente, considerando a diversidade cultural, social, étnica, religiosa, sexual e de saúde com a qual terá que lidar” e a carência de profissionais que se disponham a esse trabalho e tenham formação para isso.

A quinta questão foi relacionada a legislação, uma das pedagogas, falou da constituição, porém não lembrou de qual artigo ou inciso, as outras duas citaram a lei n. 13.716 de 2018 que alterou a LDB de 96, especificamente sobre isso. Trago o Art. 4-A da referida lei que diz “é assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado” (BRASIL, 2018, s/p)

4 CONCLUSÃO

Compreendemos que a educação a partir da legislação é um direito de todos, vimos que a educação ocorre em diversos espaços e que ela não é restrita apenas ao espaço escolar. Sendo assim, o atendimento educacional também é assegurado para aqueles que não podem frequentar o espaço escolar. É de certa forma preocupante o fato do curso de pedagogia não dar suporte significativo no que concerne a formação voltada para ambientes não escolares específicos como as classes hospitalares, pois, o curso não oferece disciplinas que contemplem esses espaços, priorizando a atuação desse profissional nos espaços formais para docência, coordenação, gestão, e atividades técnicas.

Observamos também a carência de profissionais, para atuar na área da pedagogia hospitalar, já sendo que conhecimento ser raro cursos específicos nesta área, diante disso os pedagogos buscam aperfeiçoamento em áreas aproximadas da educação especial para estar atuando no ensino no ambiente hospitalar, mesmo sabendo que a experiência valerá mais que essas formações.

Ressaltamos a necessidade do planejamento, já que este atendimento não escolar possui um currículo diferenciado, se pautando na prioridade de atividades lúdicas e na capacidade de aprendizado que as crianças possuem, mesmo estando com uma enfermidade complexa.

E mesmo sabendo que o atendimento hospitalar, ou classe hospitalar está vinculado a Educação Especial, temos o entendimento que é pouco conhecido e diferente, e que necessita além de uma maior divulgação, maiores investimentos e discussões.

Nesse sentido, esperamos contribuir academicamente e socialmente com pesquisadores da área da Educação Especial voltadas para essa temática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 13.716, de 24 de setembro de 2018. Brasília, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm. Acesso em: 08 out. 2022.

BRASIL. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**: estratégia e orientações. Brasília-DF: MEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2022.

LIBÂNEO, J. C. Identidade da Pedagogia e Identidade do Pedagogo *In*: BRABO, T. S. A. M.;

CORDEIRO, A. P.; MILANEZ; S. G. C. (Org.). **Formação da Pedagogia e do Pedagogo:** pressupostos e perspectivas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/formacao-do-pedagogo_e-book.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. de F. **Pedagogia Hospitalar:** a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis: Vozes, 2017.

MOURA, D. L. **Pesquisa Qualitativa:** um guia prático para pesquisadores iniciantes. Editora CRV, 2021.

MUNDIM, J. S. M.; BORGES, I. C.; OLIVEIRA, G. S. **Pedagogia Hospitalar:** um estudo teórico-prático sobre as contribuições, práticas pedagógicas e metodologias. Cadernos da Fucamp, Campinas, v.17, n.31, p. 22 -41, 2018.

MUTTI, M. C. S. **Pedagogia Hospitalar e Formação Docente:** a arte de ensinar, amar e se encantar. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

SALDANHA, Gilda Maria Maia Martins. **A educação escolar hospitalar: práticas pedagógicas docentes com crianças em tratamento oncológico no Hospital Ophir Loyola em Belém –Pa.** 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação)- Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Pará, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/2791>. Acesso em: 28 out. 2022.

SOUZA, Miranda de Amaralina. A formação do Pedagogo para o trabalho no contexto hospitalar: a experiência da Faculdade de Educação da UnB. **Linhas Críticas**, vol. 17, núm. 33, maio-agosto, 2011, pp. 251-272. Universidade de Brasília. Brasília-DF, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193521546005>. Acesso em: 20 out. 2022.